

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Nathalia Oliveira Celestino Magalhães

**PECADO, POSSESSÃO E INCLUSÃO: REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO
CAMPO EVANGÉLICO BRASILEIRO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Nathalia Oliveira Celestino Magalhães, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672040A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **PECADO, POSSESSÃO E INCLUSÃO: REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CAMPO EVANGÉLICO BRASILEIRO**, desenvolvido durante o período de 13/03/2018 a 06/07/2018 sob a orientação de Célia da Graça Arribas, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Nathalia Oliveira Celestino Magalhães

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

PECADO, POSSESSÃO E INCLUSÃO: REPRESENTAÇÕES DA HOMOSSEXUALIDADE NO CAMPO EVANGÉLICO BRASILEIRO

Nathalia Oliveira C. Magalhães¹

RESUMO

O presente artigo procura, por meio de uma análise bibliográfica, sistematizar e caracterizar as diferentes percepções sobre a homossexualidade presentes no meio evangélico brasileiro. Pretende-se demonstrar, também, tendo em mente os conceitos de sexo, gênero e sexualidade, que mesmo nas comunidades mais “inclusivas” ainda existem certos tipos de opressão em relação à performance de gênero dos/as fiéis homossexuais e a intensa tentativa de compressão de suas diversas sexualidades para dentro de um padrão “mais aceitável” de conduta.

Palavras-chave: Cristã, Evangélica, Inclusiva, Homossexualidade, Opressão.

1. INTRODUÇÃO

Os sistemas de crenças religiosos sempre atuaram como importantes mecanismos de construção da subjetividade, agindo, de uma só vez, de maneira estruturada e estruturante. Embora tenha havido uma perda do poder regulador da religião nas sociedades secularizadas, o que se verifica ainda hoje é um forte apelo religioso na maneira como os sexos se reconhecem socialmente. Nesse sentido, as religiões têm se caracterizado por permear a vida social dos indivíduos, sendo capazes de influenciar densamente modos de pensamento e visões de mundo de quem as pratica, ou possui alguma identificação com elas.

É possível perceber tanto em autores clássicos, como Durkheim, ou mais modernos como Geertz a influência de um esquema simbólico que é capaz de incorporar à organização social preceitos, motivações, ideologias, visões de compreensão e interpretação de mundo (GEERTZ, 1989). Peter Berger, em sua obra *Dossel Sagrado* (1967), também mostra como a abrangência da linguagem simbólica é fortemente atrelada as nossas ações sociais e a impossibilidade de dissociação ou, como ilustra Berger, desvincilhar-se desse dossel que cobre toda a extensão social humana.

Diante disso, é notório que as formas religiosas possuam legitimidade e controle de diversos temas sociais, criando ideologias baseadas em suas crenças fundamentais. Essas “leis” são responsáveis por reger a vida social, instituindo tabus, obrigatoriedades, direitos e proibições baseadas em premissas divinas para cada um de seus/suas adeptos/as. A religião evangélica protestante no Brasil também bebe nessa fonte de poder e, baseada na Bíblia, exerce sua influência em seus/suas fiéis concebendo pensamentos e visões de aceitação ou de recusa a certas práticas individuais e/ou coletivas.

A presença do protestantismo no Brasil surgiu inicialmente durante a colonização e se estendeu durante toda a história brasileira, passando pela chegada de missionários protestantes em meados do século XIX até a “nova” onda de um evangelho neopentecostal.

De acordo com o Censo de 2010, os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu no país. Em 1980, seu percentual era de 6,6%, em 1991 de 9%, em 2000 de 15,4% e em 2010 representavam 22,2% da população. Dentre as divisões feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as igrejas evangélicas no Brasil são classificadas como Evangélicas de Missão, que correspondem as igrejas Tradicionais (4%), as Evangélicas de Origem Pentecostal, que englobam as Igrejas Pentecostais e Neopentecostais (13,3%), e Evangélicas não determinadas (4,8%)².

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Célia da Graça Arribas.

² Censo Demográfico de 2010: Características Gerais da População, Religião e Pessoas com Deficiência.

Tomando como base essa classificação do IBGE, é propício sistematizar e agrupar esse campo evangélico brasileiro, de acordo com suas regras e visões apresentadas durante a sua história e após a sua consolidação, em três linhas doutrinárias que reúnem aspectos parecidos: tradicional, pentecostal e neopentecostal. As ramificações tradicionais compreendem principalmente as chamadas “igrejas históricas”, que tiveram origem no início da Reforma Protestante ou bem próximo dela, cujas denominações mais desenvolvidas no Brasil são a batista e a metodista. As pentecostais são as igrejas que tiveram início no reavivamento nos Estados Unidos entre 1906 e 1910. As experiências do “batismo no Espírito Santo” levaram os membros que experimentaram essa experiência a formar outras comunidades. Exemplos dessa ramificação são a Assembleia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e Deus é Amor. Já em relação aos neopentecostais pode-se dizer que são igrejas que tiveram origem no pentecostalismo original ou mesmo nas igrejas tradicionais e que são mais flexíveis teologicamente, não permanecendo estáticos na doutrina como são os pentecostais. Hoje é o grupo que mais cresce no Brasil devido a um maciço investimento na mídia, como é o caso das igrejas Universal do Reino de Deus e da Internacional da Graça.

Entrando no âmbito de como essas ramificações veem o sexo e a sexualidade é possível perceber que o ato sexual é voltado exclusivamente para a procriação e restrito ao ambiente matrimonial (BUSIN, 2011). Já em relação à homossexualidade, tema que se constitui como uma das mais polêmicas realidades tratadas à luz do pensamento cristão, há nas igrejas protestantes brasileiras um discurso hegemônico baseado no texto de Levítico 20:13 – de que as relações sexuais entre homens são abomináveis – e apontam a homossexualidade como um pecado contra Deus.

Com a modernidade, a necessidade de se adequar aos comportamentos atuais para atrair fiéis foi uma forte aliada para que surgissem novas linhas de pensamento e interpretações bíblicas. Dentro dessa tentativa surgiram nos Estados Unidos, na década de 1960, as igrejas inclusivas, que pretendiam ressignificar todo o evangelho da palavra e repensar os espaços de protagonismo e acolhimento das igrejas ditas “não inclusivas”. No Brasil, elas chegaram por volta dos anos 2000 e desde então não pararam de aumentar suas congregações e atividades dentro do campo protestante brasileiro.

Dentro da bibliografia que discute sobre o tema das igrejas evangélicas no Brasil e suas relações com a homossexualidade é encontrado basicamente informações sobre como o comportamento homossexual é reprimido em sua totalidade e de forma geral no país. Dentre vários textos analisados percebe-se que a maioria dos autores enxerga a discriminação contra a homossexualidade como uma prática enraizada na tradição cristã (COIMBRA, 2014) e como um conflito moral, não simplesmente teórico, mas existencial do ser humano (FARRIS, 2003), mas sem expor e classificar as características e diferenças com que cada linha doutrinária enxerga e lida com esse fenômeno. Pensando em diferenciar a visão presente no campo evangélico brasileiro, é possível identificar e classificar os pensamentos presentes nessa esfera protestante em três concepções defendidas e reproduzidas pelas igrejas evangélicas brasileiras quando se trata do comportamento homoafetivo: o de total rejeição, o de “aceitação parcial” e o de “aceitação total”.

2. PERCEPÇÕES PROTESTANTES SOBRE O COMPORTAMENTO HOMOAFETIVO

2.1 REJEIÇÃO TOTAL: PECADO

As igrejas que tendem a compreender a homossexualidade com total desaprovação possuem sua linha de pensamento fortemente baseada em uma “naturalidade divina”. São representadas no Brasil principalmente pelas Igrejas Tradicionais, como a Presbiteriana, que se entende como uma denominação reformada, portanto crê que a Bíblia é a única regra de fé e prática, fonte de toda doutrina ensinada na igreja. Interpretar a Bíblia de uma forma literal contribuiu para que essas comunidades reproduzissem o princípio de que os homens³ e mulheres são realmente uma imagem de Deus refletida aqui na Terra e que estes mesmos homens e mulheres devem viver de acordo com o que esta alteridade ensina como sendo o “natural”. É possível afirmar que toda a discrimi-

³ A utilização da palavra homem reflete uma visão patriarcal extremamente presente no meio cristão, aludindo a um ser universal semelhante a Deus em sua força, virilidade e capacidade de liderança.

nação contra o comportamento homossexual enraizada nessa linha da tradição cristã provém desse princípio de naturalidade.

A pessoa humana não pode ser dissociada de sua sexualidade. O ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus é um ser sexuado. [...] (CUNHA, 2015)

Essas igrejas, baseadas nessa teoria, estabelecem uma visão da sexualidade humana dita “natural” e “divina”, compreendida por eles, em sua trajetória histórica, como exclusivamente heterossexual. Desse modo tudo o que foge minimamente a esse padrão heteronormativo “sagrado” é visto como “não natural”, “pecaminoso” ou “abominado”. Essas comunidades vão encarar como desvio psicossocial (nas vertentes mais tradicionais) toda forma do ser humano de sentir e se expressar que não condiz esse “sexo natural” concedido por Deus para a felicidade do próprio ser. A imposição de normas sociais de gênero sobre um órgão genital é evidente aqui e está unicamente enraizada na Bíblia e no que se acredita ser a identidade do “servo de Deus”. Todas as leis de comportamento sexual feminino ou masculino são fundadas do livro sagrado e, depois de muitos séculos, ainda regula padrões de ação e reprodução condizentes com o órgão sexual que o/a fiel possui.

2.2 REJEIÇÃO PARCIAL: POSSESSÃO

Existem no meio evangélico igrejas que se propõem a fazer uma “reinterpretação bíblica” e já não veem a homoafetividade como uma “alienação da natureza”, mas como um infortúnio sobrenatural permitido por Deus, já que todos os homens e mulheres nascem à sua semelhança e não há erros no nascimento de alguém. São representadas no Brasil pela Igreja Internacional da Graça de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus, que possuem linhas de pensamento muito próximas e os ensinamentos bíblicos que são interpretados de maneira semelhante a de outras denominações protestantes neopentecostais. Entretanto, existem particularidades importantes que as caracterizam como os sacrifícios espirituais, materiais e o caráter extremamente sobrenatural atribuído aos seus fundamentos e ações.

Mas é importante entender que mesmo com a visão de que o “pecado sexual” do comportamento homoerótico seja uma “possessão diabólica” passível de “reversão”, ainda não há também nem mesmo o mínimo indício dessas igrejas começarem a entender que a homossexualidade possa ser de alguma maneira saudável e plenamente vivida pelos/pelas fiéis. Dentro dessas igrejas, a visão de “possessão homossexual” ainda é associada fortemente à promiscuidade influenciada por demônios, pombas-gira e exus. Esses e essas fiéis homossexuais são incentivados/as a viver uma vida de constante oração para evitar que brechas sejam abertas para esses “seres malignos”, sem contar que eles/elas são submetidos/as a aconselhamento pastoral para aprender como “reprimir” os instintos promíscuos que a vida “gay” pode incentivar, “fugindo”, assim, das tentações e armadilhas que o diabo pode oferecer.

Desse modo, é notório que nessas igrejas existe uma visão “demonizada” e “enferma” da homossexualidade, levando-as a reprimir todos os indícios de uma vida “gay” em seus/suas fiéis. Essas igrejas se veem como hospitais espirituais, incentivando sempre seus/suas membros a respeitarem e tratarem bem os/as homossexuais, enfatizando que eles/elas são bem-vindos/as em suas reuniões e no meio de seus membros, mas na verdade elas só entendem em recebê-los/as para mostrar seu “Poder de Cura” e provar, por meio de suas “sessões de descarrego”, que têm sucesso em expulsar todos os “seres malignos” e os/as inserirem num modo de vida “santo” e “restaurado”, sendo dizimistas, dando testemunho e totalmente curadas/dos de suas antigas vontades que não condizem com os ensinamentos bíblicos.

2.3 ACEITAÇÃO TOTAL: INCLUSÃO

As comunidades conhecidas pela aceitação total da homossexualidade são também chamadas de “Igrejas inclusivas” e surgiram como alternativas religiosas que elaboram uma hermenêutica própria que possibilita a conciliação entre o cristianismo e as formas de exercício das sexualidades dissonantes da norma heterossexual (NATIVIDADE, 2010). O início da história dessas igrejas se dá no ano de 1968, quando o Reverendo Toy Perry e um grupo de fiéis em Los Angeles, nos Estados Unidos, decidiu romper com a matriz americana que não incluía em seus cultos minorias consideradas “à margem” da socialização cristã, e criou a ICM (Igreja da Comunidade Me-

tropolitana), que se consolidou a partir das influências locais e de um diálogo com ideias de sistemas religiosos do campo hegemônico, em especial a cosmologia pentecostal da batalha espiritual (MARIZ, 1999).

No Brasil, a teologia inclusiva chegou nos anos 1990, quando um grupo ativista⁴ começou a discutir sobre o tema da exclusão dos homossexuais por diversas religiões. A preocupação com a homofobia presente nas tradições religiosas motivou o início de uma discussão que afirmava a necessidade do reconhecimento da igualdade de homossexuais e heterossexuais dentro das igrejas. Em 1997, o Centro Acadêmico de Estudantes da USP, o CAEUSP, organizou um ciclo de debates sobre direitos humanos e homossexualidade, contemplando como um dos eixos a relação entre religião/igreja e preconceito. Fachini (2004) informa que nesse encontro algumas lideranças se articularam para a criação da primeira Comunidade Cristã Metropolitana no Brasil, de nacionalidade americana, sendo que a primeira denominação nacional surgiu apenas em 2002, com a Igreja Cristã Acalanto, comandada pelo pastor chileno Victor Orellana.

O cenário atual se apresenta plural e diversificado, com a criação de cultos evangélicos liderados por pastores, diáconos e ministros que assumem publicamente uma identidade homossexual, egressos de denominações convencionais. A Comunidade Cristã Nova Esperança e a Igreja Cristã Evangelho Para Todos são exemplos dessas comunidades principalmente concentradas no eixo Rio-São Paulo e que possuem em torno de 10 mil fiéis, maioria homens solteiros (70%) pertencentes a diferentes níveis sociais. (BARRUCHO, Luís. Desafiando Preconceitos, cresce número de Igrejas Inclusivas no Brasil. BBC Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120329_igrejas_tolerancia_gays_lgb >. Acesso em 11 Mai 2018.)

Diante da ideia do pensamento de “aceitação” dessas igrejas é possível reconhecer uma postura realmente mais inclusiva em relação ao cenário cristão evangélico brasileiro. Essas comunidades assumem uma postura de tratamento e respeito igual para todos/as os/as seus/suas fiéis, independentemente da orientação sexual, sendo contra todo tipo de preconceito e discurso “desnaturalizante” da homossexualidade. Ao ser aceito/a e acolhido/a, o/a fiel encontra recursos (rituais e sociais) para a validação da sua nova identidade, centrada na ideologia e na mensagem divulgadas pela teologia inclusiva. Essa inclusão consolida-se na medida em que a oferta religiosa possibilita o envolvimento do/a fiel em cargos e ministérios (NATIVIDADE, 2010). O membro LGBTQI+ da comunidade tem o mesmo direito e, em alguns casos, o dever de fazer parte de todo o trabalho ministerial desenvolvido nos diversos departamentos daquela comunidade, como louvor, acolhimento de novos membros, líder de adolescentes, líder das finanças e diversos outras funções internas e externas que contribuem para o funcionamento da igreja e a participação do/a fiel na “Obra de Deus”.

Mas o que chama a atenção nessas igrejas que se autodenominam “inclusivas” é a intensa tentativa de remover estigmas sociais que permeiam aquele ambiente. Com o tempo, essas congregações começam a ser conhecidas somente como “igrejas de gays”, fazendo com que outras pessoas não queiram frequentá-las, por puro preconceito, ou fazendo com que elas sejam mal vistas pelas outras comunidades evangélicas espalhadas pelo país. Uma solução encontrada foi a tentativa de apagar essa diferença reivindicando a tradicionalidade, por meio da supressão de certos posicionamentos favoráveis à diversidade de comportamentos exercidos dentro da igreja que não se encaixam somente na identidade binária de gênero, e da tentativa de “direcionar” as personalidades de seus/suas fiéis para um modo mais “tradicional” e, conseqüentemente, mais “heteronormativo”.

Esses grupos inclusivos ajudam a confrontar o estigma social que recai sobre os homossexuais (e os tormentos conseqüentes de uma situação de descredito), por meio de uma adequação às regras. A estratégia da igreja contemporânea pode ser vista, de certa forma, sob essa perspectiva, mas também pode ser lida como uma tentativa de apagar a diferença, reivindicando tradicionalidade: quer ser reconhecida como uma iniciativa inclusiva que tem como parâmetro o ideal de uma vida cristã, pautada em princípios bíblicos. (NATIVIDADE, 2010)

A grande conseqüência dessa tentativa de “normalização” é a imagem de uma “igreja política” que procura conservar um certo tipo de homossexualidade tradicional, de acordo com os conceitos bíblicos de um homem e uma mulher santos. Percebe-se que ao tentar “se normalizar” e querer a presença de heterossexuais em seus cultos,

⁴Grupo ativista Corsa, importante ator do movimento homossexual paulista cuja trajetória foi abordada por Regina Fachini (2004).

essas comunidades acabam reforçando a linha de separação do que ter algo “normatizado” e algo “não normatizado” em seus bancos.

A inclusão obedece às regras, do mesmo modo que todo processo social. “Incluir” ou “acolher” algo ou alguém é obrigatoriamente reforçar as fronteiras entre o dentro e o fora (...). O modelo da conduta idealizado contém os pressupostos da construção social da homossexualidade (...). O “gay cristão” (...) é virtualmente definido em termos da responsabilidade, da consciência da cidadania, da discrição/contenção, da não “promiscuidade” e da busca pela santidade” (NATIVIDADE, 2010).

Pode ser até dito que nesses casos a orientação sexual do indivíduo não entre em discussão, mas sim a sua essência sexual. Aquilo que o/a torna um ser capaz de desejar outros/as, de acordo com o pensamento político dessas igrejas, deve ser “não escandaloso” e usado para regra de uma vida sem pecado nos caminhos do Senhor.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como sistema de sentido, as religiões têm sido analisadas em sua capacidade de controle dos corpos, uma vez que é nos corpos que se constroem os sentidos de gênero que afetam todas as dimensões da vida em sociedade. O discurso religioso, como quaisquer outros discursos, é um instrumento de orientação no mundo, conferindo sentido às ações dos agentes. As cosmovisões elaboradas no mundo religioso orientam seguidores e seguidoras, construindo representações religiosas de gênero na medida em que produzem e reproduzem lugares diferenciados de poder de acordo com o sexo biológico, não sem antes contribuir num papel ativo na produção da desigualdade de gênero.

As igrejas evangélicas, durante toda a sua história, possuíram e ainda possuem alguns elementos que carregam consigo uma visão discriminatória da homossexualidade. E mesmo com a proposta de uma releitura bíblica e a afirmação de um ambiente inclusivo e que abraça as diversas performances de identidades sexuais, ainda é possível reconhecer elementos dentro dessas comunidades que impossibilitam que a identidade homossexual dos/as fiéis sejam completamente exercidas. Ao aconselhar que um fiel homem e gay não cante no louvor dos cultos montado de Drag Queen, expressa um incomodo que vai muito além do que somente uma preocupação com os olhares e comentários das organizações sociais externas e internas à igreja. Este tipo de “proibição” exprime barreiras de rejeição ainda muito grandes para os diversos grupos representados dentro do movimento LGBTI+.

A grande falha ainda presente dentro das comunidades inclusivas brasileiras é a falta de entendimento e aceitação por completo de todas as diversas possibilidades com que os elementos de sexo, gênero, desejo e performance podem se apresentar. É perceptível que, no cenário inclusivo evangélico brasileiro, ainda predomina a ideia de indivíduos que devem se apresentar dentro do esquema binário de gênero: feminino ou masculino. Todo e qualquer corpo que se reconheça fora desse dualismo sente a carência de ser reconhecido e incluído nas possíveis dinâmicas de trabalho ministerial dentro da comunidade.

4. REFERÊNCIAS

ALVES, Marta Pereira; AMANCIO, Lígia; ALFERES, Valentim Rodrigues. Gênero e representações sociais: duplo-padrão sexual em função da religião e da posição política. *Psicologia*, Lisboa, v. 22, n. 2, p. 139-160, jul. 2008.

COIMBRA, Juliano. Homossexualidade E Religião: Sentimentos E Representações Sociais. *Revista Científica FAESA*. Vitória - ES, v. 10, n. 1, p. 27-33, 2014.

COUTINHO, Raquel Zanatta; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Rev. bras. estud. popul.*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 333-365, Dez. 2014.

CUNHA, J. Emerson. A Homossexualidade Iluminada Pela Experiência Da Fé e Da Espiritualidade Cristã No Exercício Da Direção Espiritual. Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05, 2015, p. ST1006.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. A dupla linguagem do desejo na Igreja Evangélica Bola de Neve. Relig. soc., Rio de Janeiro , v. 30, n. 1, p. 53-80, Jul 2010.

FARRIS, J. R. Homossexualidade: Duas perspectivas cristãs. Estudos de Religião, São Bernardo do Campo, v. 17, n.24, p. 160-186, 2003.

FELTRAN, Gabriel de Santis. A categoria como intervalo – a diferença entre essência e desconstrução. Cad. Pagu, Campinas , n. 51, e175105, 2017.

FURTADO, C.S. Maria; CALDEIRA, C. G. P. Angela. Cristianismo e diversidade sexual: conflitos e mudanças. In Anais do Seminário Internacional Fazendo. Gênero 9 (pp. 1-10).

GUIMARÃES, S. A. Fernando. Corpo e espírito: representações da homossexualidade no espiritismo de duas cidades paulistas. 2018.

GOMES, C. T. e NETO, J. A. F. O Movimento Homossexual e o Protestantismo Brasileiro e as Raízes De Uma Dualidade. IV Colóquio de História, 2010, UNICAP.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. Horiz. antropol., Porto Alegre , v. 23, n. 47, p. 351-380, Abr. 2017.

MEIRA, Rosana. Aconselhamento Pastoral e Homossexualidade: A Dimensão da Fé Cristã nas Angústias da Homossexualidade. Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia. São Leopoldo, 2012.

MELKI, Valéria. Religião, Sexualidades e Gênero. Rever, Ano 11, No01, Jan/Jun 2011.

MESQUITA, Daniele Trindade and PERUCCHI, Juliana. Não Apenas Em Nome De Deus: Discursos Religiosos Sobre Homossexualidade. *Psicol. Soc.* [online]. 2016, vol.28, n.1, pp.105-114. ISSN 0102-7182.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Cantar e dançar para Jesus: sexualidade, gênero e religião nas igrejas inclusivas pentecostais. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 15-33, Jan. 2017.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2006, vol.21, n.61, pp.115-132. ISSN 0102-6909.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Relig. soc.*[online]. 2010, vol.30, n.2, pp.90-121. ISSN 0100-8587.

NOLETO, Rafael da Silva. Religião e sexualidade: dilemas contemporâneos brasileiros. Cad. Pagu, Campinas , n. 46, p. 471-479, Abr. 2016.

Ribeiro, L. M. & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos.

ROCHA, J. P. Gênero e Religião Sob a Ótica da Redescoberta. Revista da Abordagem Gestáltica – XIV(1): 102-108, jan-jun, 2008.

SANTOS, Valdeci. Homossexualidade: Da Repressão À Celebração. FIDES Reformata XX, Nº 2 (2015): 71-91.

SILVA, Cristiane Gonçalves da et al. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. Psicol. estud., Maringá , v. 13, n. 4, p. 683-692, Dec. 2008 .

SILVA, Osvaldo e BRANDÃO, Fagner. I COLÓQUIO INTERNACIONAL BULLYING SUBMERSO RELIGIÃO E ETNICIDADE NA ESCOLA, out. 2015.